

CIRCULAR TÉCNICA

n. 128 - abril - 2011

ISSN 0103-4413



Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
Av. José Cândido da Silveira, 1.647 - União - 31170-495
Belo Horizonte - MG - site: www.epamig.br - Tel. (31) 3489-5000



Mercado brasileiro de café: por que os altos preços de 2010¹

Glória Zélia Teixeira Caixeta²

INTRODUÇÃO

O ano de 2010 foi bastante favorável ao agronegócio café. Os preços brasileiros tiveram significativos aumentos, principalmente a partir de junho, chegando, em dezembro, a patamares recordes a despeito de um ano de grande safra, por causa da bianualidade positiva da cultura. O preço do café brasileiro cresceu 2,7% ao mês, tendo passado de R\$ 280,75 a saca de café beneficiado, em janeiro, para R\$ 387,10, em dezembro. A média mensal do preço indicativo composto da Organização Internacional do Café (OIC) passou de 173,90 centavos de dólar (dos EUA) por libra-peso, em novembro, a 184,26 centavos em dezembro, na Bolsa de Nova York, crescendo 3,8% ao mês, e os preços de exportação, em reais, aumentaram 3,1%. Na Bolsa de Futuros de Nova York, a média da segunda e terceira posições subiu 7%, passando de 206,92 centavos de dólar por libra-peso a 221,51 centavos. Esse comportamento refletiu o crescente consumo, os baixos estoques globais, os problemas climáticos em outros países produtores do grão, bem como a queda nas cotações do dólar no Brasil. Ao longo do ano de 2010 houve, também, mensalmente, expressiva relação entre alta de preços do café brasileiro, os quais aumentaram cerca de 4,7%, no mercado de Nova York, e declínio na variação do dólar. O Brasil exportou 30 milhões de sacas, ou seja, 36% das exportações mundiais. A produção brasileira de café de 2010 foi de 47 milhões de sacas, 52%, 25% e 19% maior do que a média de 1998/2001, 2002/2005 e 2006/2009, respectivamente.

A evolução dos fatores fundamentais do mercado mundial, tais como restrição da oferta, vigor do consumo e diminuição dos estoques, enfim, a estrutura da oferta e da demanda vigente entre 2005 e 2010, além de ratificar a firmeza ao longo de 2010, sugere tendência de continuidade de sustentação dos preços durante 2011. No Brasil, o baixo estoque inicial (420 mil sacas, 96% abaixo do de 2009/2010), que deverá exaurir, oferece tranquilidade quanto à absorção da alta produção de 47,0 milhões de sacas de 2010/2011.

A boa performance do agronegócio café brasileiro de 2010, entretanto, não constitui fato isolado, mas fruto de atitudes orquestradas no mercado brasileiro a partir do ano 2000, quando foi perceptível o investimento na valorização e na venda de grãos de alta qualidade, na ampliação do consumo interno brasileiro e em mudanças nas exportações, por parte das empresas que ampliaram os negócios com cafés de qualidade superior, como forma de elevar margens de lucro.

Em decorrência, mais de alta da produtividade do que da área, houve aumento da produção brasileira de café entre 2000-2010. Nesse período, a produtividade média das lavouras cafeeiras teve aumento de cerca de 3,1% ao ano, resultando 49% maior do que a do período 1998/2001 e 2002/2005 e 30% maior do que a média de 2006/2009, enquanto a área plantada com cafeeiros manteve-se praticamente estável ou com um ligeiro decréscimo (Quadro 1). A receita brasileira advinda das exportações de café teve

¹Circular Técnica produzida pela EPAMIG Zona da Mata. Tel.: (31) 3891-2646. Correio eletrônico: ctzm@epamig.br

²Economista Rural, M.Sc., Pesq. EPAMIG Zona da Mata, Caixa Postal 216, CEP 36570-000 Viçosa-MG. Correio eletrônico: gcaixeta@epamig.ufv.br

QUADRO 1 - Agronegócio brasileiro do café de 1998 a 2010

| Variáveis | 1998 | 1999 | 2000 | 2001 | Média (1998/2001) | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | Média (2002/2005) | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | Média (2006/2009) | 2010 |
|------------------------------------|--------|--------|--------|-------|----------------------|------|-------|-------|--------|----------------------|--------|--------|--------|--------|----------------------|--------|
| Produção (milhões de sc) | 34 | 27,2 | 31,1 | 31,3 | 30,9 | 48,5 | 28,8 | 39,3 | 32,9 | 35,1 | 42,5 | 36,1 | 46 | 39,5 | 36,68 | 47 |
| Área | 2,4 | 1,9 | 2 | 2,2 | 2,1 | 2,3 | 2,2 | 2,2 | 2,2 | 2,2 | 2,2 | 2,2 | 2,2 | 2,1 | 2,2 | 2,1 |
| Produtividade | 14,4 | 14,5 | 15,7 | 14,4 | 14,8 | 21,0 | 13,1 | 17,8 | 14,9 | 16,3 | 19,8 | 16,6 | 21,2 | 18,9 | 17,0 | 22,1 |
| Preço ao produtor | 164,03 | 183,28 | 163,81 | 118 | 157,27 | 130 | 173,8 | 217,3 | 281,13 | 187,7 | 250,33 | 252,43 | 260,37 | 263,2 | 206,06 | 288,44 |
| Exportação (milhões de sc) | 18,2 | 23,4 | 18,5 | 23,3 | 20,9 | 28,7 | 26 | 27 | 26,4 | 23,6 | 28 | 28,4 | 29,7 | 30,5 | 25,2 | 30,0 |
| Receita (bilhões de US\$) | 2,6 | 2,5 | 1,8 | 1,4 | 2,1 | 1,4 | 1,5 | 2,1 | 2,9 | 2,1 | 3,4 | 3,9 | 4,8 | 4,3 | 2,6 | 2,7 |
| Preço de exportação (US\$) | 141,52 | 105,08 | 96,67 | 59,91 | 100,80 | 48,2 | 59,55 | 76,08 | 110,8 | 73,66 | 120,23 | 137,03 | 160,2 | 140,38 | 156,19 | 288,44 |
| Exportação Brasil/Mundo (%) | 22,7 | 26,9 | 20,3 | 25,8 | 23,9 | 32 | 29,9 | 29,3 | 30,2 | 27,7 | 30,3 | 29,4 | 30,4 | 31,7 | 28,4 | 36,1 |
| Café/Agronegócio (%) | 12 | 11,9 | 8,6 | 5,9 | 9,6 | 5,5 | 5 | 5,2 | 6,6 | 7,7 | 6,8 | 6,6 | 6,6 | 6,6 | 7,4 | 6,3 |
| Consumo interno (milhões de sc) | 12,2 | 12,7 | 13,2 | 13,6 | 12,93 | 14 | 13,7 | 14,9 | 15,5 | 14,2 | 16,3 | 17,1 | 17,7 | 18,4 | 15,0 | 19,3 |
| Estoque FUNCAFÉ | 9,4 | 7,6 | 6,1 | 5,6 | 7,2 | 5,4 | 5,1 | 4,3 | 3,2 | 5,4 | 1,9 | 0,7 | 0,5 | 0,5 | 4,2 | - |

FONTE: ABIC (2011).

crescimento anual de 11,4%, a quantidade exportada do País em relação às exportações mundiais aumentou 3,5% a.a. e a expressão do café em relação ao agronegócio brasileiro 0,2% a.a. A importação mundial cresceu 0,8% ao mês em função do crescimento de 0,9% nos Estados Unidos, 0,3% no Japão, 0,4% na Noruega e 1,2% na Suíça.

EVOLUÇÃO DOS PREÇOS

Entre os anos 2001 e 2009, os preços recebidos pelo produtor brasileiro aumentaram, em média, 10,3% a.a., em consequência da diminuição média de 5,0% na cotação do dólar e aumento de 15,2% a.a. dos preços de exportação (Gráfico 1).

Em 2001, em decorrência do excesso de oferta mundial, os preços do café nos mercados externo e interno foram baixos. O preço de exportação do café brasileiro esteve muito próximo aos indicativos da OIC, mas o preço recebido pelos produtores apresentou grande discrepância. As perdas em receita do Brasil foram minimizadas pela desvalorização cambial que proporcionou menores prejuízos, em moeda nacional, aos cafeicultores brasileiros. A menor magnitude das produções de 2000 e 2001, aliada ao aumento da demanda maior do que a produção a partir de 2000 foram determinantes da tendência de ascensão dos preços brasileiros a partir de 2004. Nos anos, 2002, 2006 e 2008, a demanda foi menor do que a produção. O aumento da ordem de 13,3 milhões de sacas anuais, no mercado, resultou numa oferta maior do que a demanda de 25,5 milhões de sacas em 2002 e de 21,9 milhões em 2006, as quais contribuíram para a promoção dos preços baixos de 2001 a 2003, no Brasil. Tanto a menor magnitude das produções de 2004 a 2006, quanto o aumento da demanda global ocorrido desde

2002/2003 foram determinantes da atual ascensão dos preços brasileiros de café.

Nos anos de 2002-2005, os preços de exportação e os recebidos pelos produtores foram crescentes 27% e 25%, e a ascensão dos preços, mesmo promovendo redução das exportações em cerca de 2,0% ao ano, aumentou a receita em 25%, ao ano. Entretanto, os preços brasileiros de exportação estiveram aquém dos indicativos da OIC e os recebidos pelos produtores, à exceção dos de 2005, que estiveram menores do que os de exportação. O preço médio anual de exportação da saca de café subiu de US\$ 48,20, em 2002, para US\$ 59,55, em 2003, e US\$ 76,08, em 2004, impulsionado, principalmente, por fatores climáticos e pelas expectativas de baixa produção da safra brasileira de 2003, a qual foi 41% menor do que a de 2002. Além disso, o governo tirou do mercado 1,35 milhão de sacas via contratos de opções. Os preços aumentaram também, pelos sinais de redução da produção global, em 15%, em relação à produção de 2002. Em 2003, a produção foi de 100 milhões de sacas, e em 2004, de 114 milhões, enquanto o consumo global nesses anos foi superior a 112 e 117 milhões de sacas, respectivamente. Em 2003, os preços foram deprimidos pelo dólar em baixa e expectativa de que a grande safra brasileira em 2004 poderia gerar um novo excedente. A atuação do governo com os leilões de opções, prorrogação de dívidas e disponibilização de crédito colaborou para a melhoria do cenário interno. Além da bianualidade e do estresse causado pela grande produção em 2002, o clima e os menores tratos culturais em duas safras, a diversificação e a substituição foram decisivos para redução do volume produzido que passou de 48 milhões de sacas em 2002, para 38 milhões em 2004, na comparação de dois anos de alta produção. Os melhores preços obtidos em 2004, mas principal-

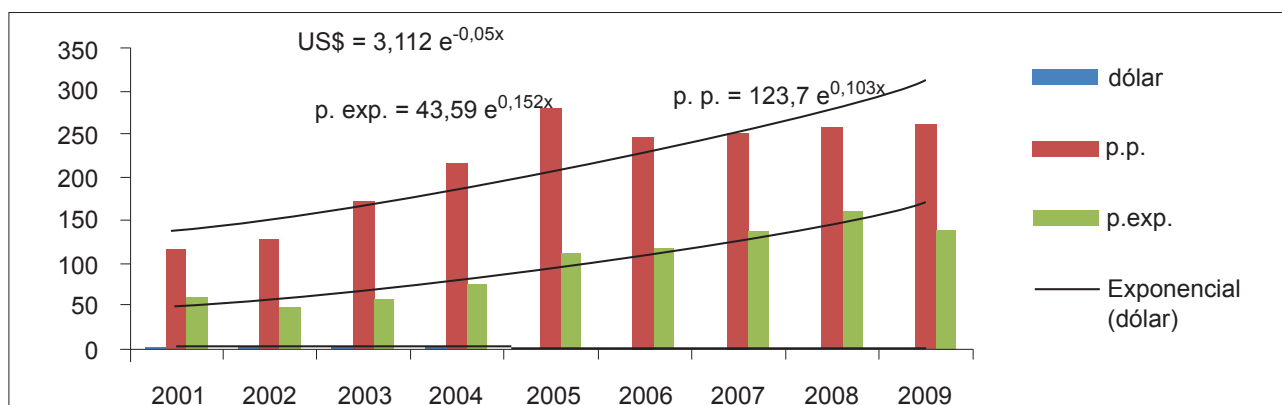


Gráfico 1 - Tendência dos preços de café 2001 a 2009

NOTA: p. exp. - Preço brasileiro de exportação; p.p. - Preço recebido pelos produtores.

mente os de julho a dezembro de 2005, decorreram do descompasso entre a oferta e a demanda de café de boa qualidade e redução dos excedentes mundiais de café. Entre 2006 e 2009, área, produção e produtividade da cafeicultura brasileira foram decrescentes. Os preços recebidos em reais pelos produtores brasileiros apresentaram-se crescentes e refletiram desvalorização do dólar, mas tiveram tendência de aumento menor do que o dos preços de exportação em dólar. A ascensão dos preços promoveu aumento das exportações em cerca de 3,0% e da receita em 9,0%, a.a. Nesse período, e principalmente em 2009, os preços de exportação do café brasileiro, em dólar, foram menores do que os preços médios indicativos

da OIC e o recebido pelos produtores em real foi muito aquém do de exportação (Quadro 2).

Em 2006, mesmo tendo o Brasil colhido um volume maior de café, persistiu o aumento dos preços, em razão da crescente demanda internacional e dos baixos estoques nos principais países produtores. A safra 2006 teve aumento em função da bianualidade da cultura e aos melhores tratos culturais favorecidos pelos bons preços do café especialmente no segundo semestre de 2005. A safra de 2007 foi de volume insuficiente para atender ao mercado interno e, principalmente, ao externo. Essa menor safra e o baixo nível de estoque do País sustentaram os preços. Os estoques públicos brasileiros de café, em

QUADRO 2 - Relação de preços do café de 1998 a 2010

| Ano | Indicativo da OIC (US\$) | Exportação (US\$) | Exportação (R\$) | Produtor (R\$) | Dólar (Cotação oficial) |
|-------------------|--------------------------|-------------------|------------------|----------------|-------------------------|
| 1998 | 143,81 | 141,52 | 164,16 | 164,03 | 1,160 |
| 1999 | 113,14 | 105,08 | 189,98 | 183,28 | 1,808 |
| 2000 | 84,80 | 96,67 | 177,20 | 163,81 | 1,833 |
| 2001 | 60,18 | 59,91 | 141,63 | 118,00 | 2,364 |
| Média (1998/2001) | 100,48 | 100,80 | 180,53 | 157,27 | 1,791 |
| 2002 | 63,02 | 48,2 | 141,27 | 130,00 | 2,931 |
| 2003 | 68,51 | 59,55 | 182,10 | 173,80 | 3,058 |
| 2004 | 82,04 | 76,08 | 222,69 | 217,30 | 2,927 |
| 2005 | 117,96 | 110,8 | 270,46 | 281,13 | 2,441 |
| Média (2002/2005) | 82,88 | 73,66 | 209,12 | 200,56 | 2,839 |
| 2006 | 126,39 | 120,23 | 261,50 | 250,33 | 2,175 |
| 2007 | 142,14 | 137,03 | 266,80 | 252,43 | 1,947 |
| 2008 | 164,01 | 160,20 | 293,97 | 260,37 | 1,835 |
| 2009 | 152,68 | 140,38 | 280,20 | 263,20 | 1,996 |
| Média (2006/2009) | 146,31 | 139,46 | 277,25 | 256,58 | 1,988 |
| 2010 | 194,36 | 156,19 | 234,13 | 288,44 | 1,499 |

FONTE: International Coffee Organization (2011).

dezembro de 2007, eram de cerca de 700 mil sacas, e o privado era estimado em 7,77 milhões de sacas (CONAB, 2011). Havia também baixos estoques nos principais países produtores e era crescente a demanda internacional. Em 2008, os preços estiveram em alta a despeito de a safra brasileira de café ter sido 30,9% maior do que a anterior, dado o ano de bianualidade alta. Entretanto, a oferta foi apertada por causa do consumo interno de 18,1 milhões e exportações de 28 milhões de sacas. A correlação entre o valor do dólar e o preço do café no Brasil aumentou a partir de 2005. Nesse ano, correlacionando diretamente os preços do café brasileiro no mercado de Nova York com o valor do dólar, ambos indicadores apresentaram tendência decrescente muito semelhante, de cerca de -1,0% ao longo dos meses. Em 2006, essa correlação foi direta, mas pequena, e ambos indicadores apresentaram-se estáveis ou ligeiramente decrescentes. Em 2007, para diminuição mensal de 1% no valor do dólar houve aumento de 1,4% no preço do café brasileiro no mercado de Nova York. Em 2008, ocorreu a maior relação entre variação do dólar e preço do café (-0,91), tendo o preço decrescido cerca de 2% ao mês, enquanto o dólar aumentou 2,7%. Nesse ano, deflagrada a crise econômica mundial, os fundos globais de investimentos, com sua alta liquidez e mobilidade, buscaram ativos com correlação negativa com as ações, tais como as das commodities tipo café, e este continuou sendo demandado. Em 2009, a correlação negativa foi de cerca de -0,81 e, para decréscimo do dólar de 3,0% ao mês, houve aumento do preço do café em 1,8%. Ainda nesse ano, houve recorde no diferencial de preços por qualidade e as cotações foram impulsionadas pela menor produção, estoques mundiais limitados e demanda global aquecida e, já em dezembro, havia expectativa de que, pela escassez de cafés finos, as cotações seriam firmes no início de 2010.

INTERFERÊNCIAS DO MERCADO MUNDIAL

De 1995 a 1998, a produção mundial foi menor do que a demanda. Os preços atrativos vigentes promoveram aumento da produção, em diversos países. Em 1999, foram produzidos no mundo 130 milhões de sacas de café e demandadas 90 milhões de sacas, gerando excesso de produto de quase 50 milhões de sacas. Os estoques aumentaram 94% de 1999 a 2002, a média de produção 19%, e a oferta maior do que a demanda em 2002 e 2003 contribuiu para a promoção dos preços baixos de 2000 a 2004.

No período de 2000 a 2010, o mercado mundial apresentou, em média, produção menor do que a demanda, e a situação de certo equilíbrio da oferta deu-se por utilização de estoque que caiu de 19,7 para 13,9 milhões de sacas. A safra mundial de café de 2005, 7% menor que a do ano anterior, não foi suficiente para atender à demanda mundial e houve necessidade de utilização de estoques, tanto de países produtores quanto de compradores. Em 2007, houve queda de cerca de 10 milhões de sacas na produção, em relação a 2006, e o consumo crescente reduziu muito o excedente da relação oferta/demanda. A expectativa é de que, mantido o atual ritmo de crescimento da demanda, não haverá queda de preços, no curto prazo.

PERSPECTIVAS

Os fatores fundamentais do mercado continuam a favorecer a manutenção dos atuais preços altos do café. As intempéries climáticas ainda perturbam o bom desempenho da atividade cafeeira, a colheita e o transporte em muitos países exportadores, o que, no curto prazo, ainda afetarão a oferta mundial. Para 2011, no Vietnã, prevê-se uma pequena queda de produção. Na Indonésia, a queda prevista é maior. A produção da Colômbia dificilmente irá alcançar seus níveis anteriores, pois o custo elevado dos insumos limita o acesso ao tratamento apropriado para o controle da ferrugem que vem afetando os cafezais.

A expectativa é de que o consumo mundial se mantenha vigoroso podendo chegar a 143 milhões de sacas em dez anos, se mantido o crescimento anual de 1,5% ocorrido de 2000 a 2010.

Mantida a taxa de crescimento da demanda interna brasileira de 2000 a 2010 de 2,5% a.a, em dez anos, o consumo doméstico anual deverá ser de 21,9 milhões de sacas de 60 kg e ultrapassará o consumo dos Estados Unidos, o maior do mundo. Na hipótese de o Brasil sustentar esse crescimento anual no consumo interno e se mantiver a sua participação de 30% a 35% no mercado mundial necessitará de uma produção entre 50 e 60 milhões de sacas para suprir sua demanda. As primeiras estimativas oficiais publicadas pela Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB, 2011) apontam uma safra de 41,9 a 44,7 milhões de sacas, para o ano-safra de 2011/2012.

A tendência de elevação do consumo interno anual per capita de café brasileiro é concreta. Notório é o interesse em aumentar ganhos via diferenciação e a

atenção para os cafés especiais no mercado nacional, bem como o aparecimento e a consolidação das lojas especializadas em vendas de café, as *coffee shops*.

A maior percepção da qualidade pelo consumidor brasileiro aumenta a procura pelo café especial, que pode ter chegado a 10% do consumo em 2010, entretanto, no ano de 2010, a ocorrência de floradas desuniformes, dificuldade na colheita, diferente grau de maturação do café e o exercício das opções fizeram com que diminuísse o volume de cafés finos disponíveis no mercado.

Essas evidências, além de ratificar a firmeza ao longo de 2010, sugerem a possibilidade de sustentação dos preços durante 2011.

Contudo, a relação preços do café brasileiro e valor do dólar, que influenciou no aumento dos preços de café em 2008 e 2009, poderá arrefecer. Se os fundos se retirarem do mercado, seja para realizar os ganhos, seja porque não haverá mais necessidade de um *hedge* contra a inflação, os preços cairão em dólares, sendo provável o retorno ao padrão dos anos 2000 a 2007, quando foi pequena a relação preço do café e taxa cambial. A partir daí, mais do que nunca, o que definirá o preço do café será, de novo, os velhos e bons fundamentos do mercado.

CONCLUSÕES

A boa performance do agronegócio café brasileiro de 2010 foi expressão do incentivo ao consumo interno, das mudanças de postura dos exportadores e fruto de investimento na qualidade do produto, ocorridos a partir de 2000. Não menos importante na conjuntura persistente foi também a reciprocidade das relações dos fundamentos do mercado. Assim é que os baixos preços de 2001 refletiram o excesso de oferta mundial vigente, principalmente em 1999, ocasionada por preços atrativos, do período de 1994 a 1999. Esses que promoveram aumento da produção, em diversos países, entre 1999 e 2000 determinaram excesso de produção em 2002 e 2003, o que induziu a depressão dos preços de 2000 a 2004. A menor magnitude da produção brasileira a partir de 2003, aliada ao aumento da demanda global, foi determinante da ascensão dos preços a partir de 2004, que, embora aumentasse a receita, promoveu a redução das exportações brasileiras. Entre 2006-2009, a ascensão dos preços promoveu aumento da receita. Entretanto, os preços, em reais, recebidos pelos produtores brasileiros, refletiram mais a variação do dólar, não conseguindo reverter a tendência decres-

cente da área, da produção e da produtividade da cafeicultura brasileira.

A partir de 2005, foi perceptível a relação preços do café brasileiro e variação do valor do dólar, tendo essa relação sido mais expressiva em 2008 e 2009 a partir da crise econômica mundial.

A reciprocidade das relações entre os fundamentos do mercado sinaliza para a conveniência de utilizar a experiência observada para o equilíbrio da oferta e demanda, atentando, principalmente, para o perigo do aumento da oferta.

Pela dificuldade de deter a variabilidade de preço no consumo massivo, onde o produto barato tem a preferência, seria pertinente persistir na busca dos benefícios advindos da produção de café com valor agregado como o ocorrido a partir de 2000. A especialização para atender aos segmentos e nichos restritos de consumidores mais exigentes pode ser o caminho.

Atentar para a continuidade no incentivo de melhoria da qualidade como instrumento de aumento e apreciação do consumo de café pelo consumidor brasileiro, sem dúvida, cria alternativa para o mercado.

Ações mediadoras entre cafeicultor e consumidor provavelmente sejam profícuas na ampliação da demanda.

Ampliação do conhecimento e da apreciação do café em mercados emergentes e nos mercados tradicionais, pela manutenção da qualidade, desenvolvimento de mercados de nicho e divulgação de informações positivas sobre os benefícios do consumo de café para a saúde vigentes desde 2000 possivelmente consistirão incentivo ao consumo.

Há que se ter em mente, entretanto, que o desenvolvimento de cafés para mercados de nicho, o estabelecimento de práticas melhoradas para a produção sustentável de café e o acesso a instrumentos de gestão de risco só terão êxito, se, por meio de um equilíbrio do mercado, os preços conquistarem níveis que possibilitem a absorção do custo dessas iniciativas. Medidas governamentais para restaurar certo equilíbrio ao mercado são imprescindíveis mas, com certeza, o setor privado tem um papel-chave a desempenhar nesse processo.

REFERÊNCIAS

- ABIC. **Estatísticas**. Rio de Janeiro, [2011]. Disponível em: <<http://www.abic.com.br>>. Acesso em: 4 fev. 2011.
- CONAB. **Acompanhamento da safra brasileira – café: safra 2011**. Brasília, 2011. Disponível em: <www.conab.gov.br>. Acesso em: 5 mar. 2011.

INTERNATIONAL COFFEE ORGANIZATION. **Historical data**. London, 2011. Disponível em: <http://www.ico.org/new_historical.asp?section=Statistics>. Acesso em: 11 mar. 2011.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

CAIXETA, G.Z.T. **Competitividade do café brasileiro no mercado internacional**. Viçosa, MG: EPAMIG-CTZM, 1999. Palestra apresentada na UFLA.

_____. Economia cafeeira, mercado de café, tendências e perspectivas. In: ENCONTRO SOBRE PRODUÇÃO DE CAFÉ COM QUALIDADE, 1.,

1999, Viçosa, MG. [**Palestras**]... Viçosa, MG: UFV-Departamento de Fitotecnia, 1999. p. 3-21.

_____. **Entendendo um pouco mais dos aspectos econômicos atuais da atividade cafeeira**. Belo Horizonte: EPAMIG, 2007. 4p. (EPAMIG. Circular Técnica,1).

OSORIO, N. **Lições da crise mundial do café**: um problema sério para o desenvolvimento sustentável. Londres: International Coffee Organization, 2004. Comunicação à XI UNCTAD, 2004, São Paulo. Disponível em: <<http://www.ico.org/documents/ed1922p.pdf>>. Acesso em: 11 fev. 2011.